

**Monografia de Bacharelado**

**MEMÓRIAS DE UM MENINO SERTANEJO**  
**O Sertão de Luís da Câmara Cascudo**

**MIRELLA DE SANTO FARIAS**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Margarida de Souza Neves**

***PUC – RIO***

***Departamento de História***

***Julho de 2001***



# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	04
<b>Capítulo I : O Sertão e o Brasil.</b>	12
<b>Capítulo II: Memórias de um menino sertanejo</b>	16
<b>Capítulo III: Viajando o Sertão</b>	21
<b>Capítulo IV: Cascudo e o Integralismo</b>	29
<b>Conclusão</b>	32
<b>Bibliografia</b>	35

***“O Sertão exige uma existência inteira voltada ao seu amor”***

(Luis da Câmara Cascudo, Viajando o Sertão. p. 47)

## INTRODUÇÃO.

O tema proposto nessa monografia tem como intenção principal suscitar o entendimento da idéia de Sertão em Luis da Câmara Cascudo. Minha proposta de trabalhar com essa temática surgiu a partir da oportunidade de participar do Projeto Integrado de Pesquisa “*Roteiros e descobrimentos: Câmara Cascudo e os modernos descobrimentos do Brasil*”. Projeto coordenado pela professora Margarida de Souza Neves do Departamento de História da PUC- Rio e financiado pelo CNPq.

Esse projeto, no que diz respeito à proposta de estudar alguns intelectuais brasileiros como modernos descobridores do Brasil já vem se desdobrando desde de 1995 em várias etapas distintas. Na primeira etapa, a pesquisa esteve centrada no estudo de Mário de Andrade e Capistrano de Abreu considerados, o primeiro, como um descobridor que seguiu o roteiro da cultura para conhecer e dar a conhecer o Brasil e, o segundo, um intelectual que, para realizar o mesmo objetivo, seguiu a rota da história . Num segundo momento o trabalho se desenvolveu tendo como referência outros dois descobridores, Monteiro Lobato e Cecília Meireles, que, ao escreverem para crianças e tematizaram questões relativas à leitura e aos leitores infantis, são formadores de gerações de futuros “descobridores”. Nessas duas etapas além da coordenação da professora Margarida de Souza Neves, o projeto contou também com a coordenação do Ilmar R. de Mattos, ambos do Departamento de História da PUC- Rio. Particpei como bolsista de iniciação científica nas duas últimas etapas do projeto. No entanto, a idéia para o tema de minha monografia, como já explicitiei anteriormente, só se deu na ultima etapa do projeto quando tive a oportunidade de estudar e pesquisar o intelectual e “descobridor” Luis da Câmara Cascudo (1898-1996).

Devo ressaltar que o desejo de desenvolver um trabalho monográfico referente a Câmara Cascudo só passou a tomar forma e a se consolidar a partir da troca constante com minhas colegas de pesquisa, sem as quais seria praticamente impossível a elaboração de minha monografia. Foi fundamental também a dedicação dada pela coordenadora do

Projeto a professora Margarida de Souza Neves que aceitou orientar meu trabalho. Tenho que agradecer toda a experiência diária adquirida como pesquisadora de iniciação científica nesse projeto que me possibilitou um enorme aprendizado com relação ao trabalho árduo, mas não menos gratificante e fascinante de descoberta e investigação desempenhado por aqueles que abraçam a profissão de historiador. Saliento aqui também todo o conhecimento adquirido e conquistado no decorrer do meu curso de graduação no Departamento de História da PUC-Rio e agradeço a todos os meus professores e amigos da graduação que participaram ativamente dessa minha jornada. Minha família também teve uma grande contribuição nesse processo de crescimento, em especial meus pais e meu amigo e companheiro Rodrigo.

Após essa breve consideração referente aos motivos que desencadearam a idéia de meu trabalho e sua elaboração gostaria de apresentar o tema propriamente dito, no que se refere ao objetivo e às hipóteses de minha monografia. Assim como os procedimentos adotados na sua estruturação, vale dizer, a escolha das fontes e seu aproveitamento.

A idéia de Sertão em Luis da Câmara Cascudo integra, na minha perspectiva, um quadro de referência mais geral. Acho interessante ressaltar aqui alguns pressupostos teóricos que nortearam o Projeto Integrado de Pesquisa “Roteiros e Descobrimientos: Luís da Câmara Cascudo e os ‘Descobrimientos do Brasil’ ”<sup>1</sup> por servirem de ponto de partida e referência para a elaboração das principais idéias presentes nessa monografia. Gostaria de destacar também algumas leituras de cunho teórico que foram fundamentais para a constituição desse trabalho monográfico . Dentre estas a abordagem de James Clifford<sup>2</sup> referente a pesquisa etnográfica por permitir um maior contato com a especificidade do trabalho realizado pelos etnógrafos ao analisarem diferentes sociedades. Destaco aqui um conceito central elaborado por esse autor, o conceito de “autoridade etnográfica” que foi importante para pensar e identificar o tipo de “autoridade etnográfica” assumida por Cascudo ao interpretar o sertão e a sociedade sertaneja.

---

<sup>1</sup> NEVES, Margarida de Souza. “Roteiros e Descobrimientos: Luís da Câmara Cascudo e os ‘Descobrimientos do Brasil’ ”. Rio de Janeiro: PUC-RJ – Departamento de História/ CNPq, 1999.

<sup>2</sup> CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. José Reginaldo Santos Gonçalves (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

Outra leitura básica para a perspectiva teórica dessa monografia foi trabalho desenvolvido por Angel Rama em a A cidade das letras<sup>3</sup>, indispensável pela formulação do conceito de “cidade letrada”. A partir desse conceito foi possível pensar no papel desempenhado por Câmara Cascudo enquanto um intelectual integrante de uma elite letrada que privilegia o sertão como um espaço singular para sua análise.

Do mesmo modo foi importante a leitura de Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História de Carlo Ginzburg<sup>4</sup>. As idéias presentes nesse livro servem muito ao trabalho de pesquisa desenvolvido pelo historiador, que, na abordagem desenvolvida por Ginzburg se assemelha muito ao adotado pelo detetive, assim como, pelo crítico de arte e pelo médico. Nos três casos e no trabalho do historiador, a pesquisa é fundamentada essencialmente na percepção dos pequenos indícios que revelam o todo a partir de mínimas coisas que os olhos não treinados são incapazes de perceber. Essa idéia elaborada por Ginzburg norteou o trabalho com as fontes selecionadas para análise nessa monografia.

No que se refere às coordenadas centrais do projeto de pesquisa ressaltou a questão da busca da identidade nacional como um aspecto recorrente no pensamento intelectual brasileiro. Essa busca aparece como uma preocupação constante das sucessivas gerações de intelectuais que se propõem a pensar o Brasil e a desvendar esse país por caminhos muitas vezes distintos.

Essa investigação e elaboração dos elementos que nos unem acaba por desencadear uma retomada, por parte de intelectuais os mais diversos, ao marco inicial de nossa construção: o descobrimento do Brasil. Esse enfrentar-se com o Brasil e o encontro com a gênese de nossa formação acaba por delimitar novos descobrimentos e conseqüentemente novos descobridores que se aventuram “*para conhecer e dar a conhecer a identidade*

---

<sup>3</sup> RAMA, Angel. A cidade das letras. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>4</sup> GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

*brasileira pelo oceano de águas sempre revoltas de nossas memórias e de projetos capazes de desvendar essa ‘terra ignota’ e os mistérios dos que nela habitam.”*<sup>5</sup>

É nesse sentido que a referência ao descobrimento do Brasil e à questão da identidade nacional são centrais no meu trabalho, por estarem na base da auto-atribuição que se fazem os intelectuais brasileiros das mais diferentes correntes ideológicas e das mais distintas inserções sociais e políticas da missão de “descobridores do Brasil”. No caso específico aqui analisado, por dar a Luis da Câmara Cascudo a qualidade de um “moderno descobridor”. Um “descobridor” que construiu sua rota pelos mais diferentes campos do saber, mas que no entanto, ficou mais conhecido e se notabilizou, pelas coordenadas traçadas e privilegiadas por ele através do mar sem tamanho do folclore e da cultura popular.

Luis da Câmara Cascudo é parte integrante de uma linhagem de “letrados”<sup>6</sup> que têm como foco central o Sertão e a valorização do passado, entendido como tradição, na busca de uma identidade que nos una, como por exemplo, fizeram no campo da historiografia, Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu, que direcionaram seus trabalhos pela temática da vida sertaneja, e desse modo, delimitaram o Sertão como uma “*categoria de entendimento do Brasil*”<sup>7</sup>, categoria esta que já aparecia nos relatos dos viajantes, cronistas e missionários portugueses que chegavam a América Portuguesa no século XVI, e viam o Sertão como um território vazio, não preenchido pela colonização, marcado assim, por uma ausência de ordem<sup>8</sup>.

Nascido no Rio Grande do Norte em 1898, Luis da Câmara Cascudo passou a maior parte de sua vida intelectual em sua terra de origem, lugar que pouco deixou ao longo de sua trajetória e onde é até hoje cultuado como um verdadeiro monumento da cultura.

---

<sup>5</sup> NEVES, Op. Cit. p.1.

<sup>6</sup> Essa idéia remete ao conceito de “cidade letrada” formulado por Angel Rama: *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>7</sup> AMADO, Janaina. “Região, Sertão, Nação”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 8, n.15, 1995.

<sup>8</sup> MADER, Maria Elisa. *O vazio: o sertão no imaginário da colônia nos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado – PUC, 1995.

Há um ano atrás tive a oportunidade de viajar para Natal, juntamente com os demais integrantes da equipe de pesquisa da qual faço parte. Nessa viagem foi possível constatar que mesmo após a sua morte em 1986, a memória de Luis da Câmara Cascudo esta ainda muito presente na cidade.

Nós pesquisamos nos principais arquivos da cidade que guardam a memória desse intelectual potiguar, em especial, o “Memorial Câmara Cascudo”, instituição financiada por uma fundação local, a Fundação José Augusto e coordenada atualmente pela neta de Cascudo. No “Memorial” tivemos acesso à biblioteca de Cascudo, onde foi possível apreciar uma grande amostragem de livros dos mais variados estilos, assuntos e autores. A partir desse contato com os livros e com as leituras de Cascudo, assim como, com a grande quantidade de dedicatórias que enriquecem sua biblioteca, foi possível perceber que Câmara Cascudo mesmo a partir do seu “universo provinciano”, que ele tanto gostava de sublinhar como sua marca de identidade, conseguiu construir uma grande rede de relações que não se limitam à sua terra, nem tão pouco ao Brasil, mas sim, aos mais diferentes cantos do mundo. Cascudo era assim, cosmopolita sem sair do lugar de origem.

No que se refere aos seus escritos, Câmara Cascudo desenvolveu uma vasta produção intelectual. São livros sobre Folclore, Etnografia, História, Memória, Literatura dentre outros. No entanto, ficou mais conhecido no Brasil e no exterior a partir de sua produção referente a cultura popular e ao Folclore. Uma de suas obras de maior renome é o “Dicionário de Folclore Brasileiro”, publicado pela primeira vez em 1954 e reeditado várias vezes, sendo sua última re-edição a nona, revista, atualizada e ilustrada, de 2000.

Para a minha monografia foi indispensável a leitura dos principais títulos de sua produção referente à Cultura Popular e principalmente, aqueles que têm por objeto a temática da vida sertaneja e do Sertão. Um desses títulos ganha destaque aqui, “Viajando Sertão”. Esse livro foi publicado por Cascudo em 1934 logo após uma viagem feita por ele, no mesmo ano, pelo interior do Rio Grande do Norte. Nessa viagem Cascudo produziu várias crônicas que estão reunidas no livro, mas que foram publicadas também na íntegra

em 1934 no jornal “A República” de Natal. Nas crônicas Cascudo faz um relato das impressões que teve ao viajar por várias cidades e vilarejos do interior do seu estado.

Cascudo não viaja sozinho ao Sertão em 1934. A princípio a leitura das crônicas nos leva a pensar que essa viagem tinha apenas um caráter puramente etnográfico. No entanto, ao ler atentamente as crônicas publicadas no jornal, percebi que no mesmo momento que Cascudo faz essa viagem, o interventor federal do Rio Grande do Norte, também havia estado juntamente com sua comitiva numa visita oficial aos mesmos lugares por onde Câmara Cascudo passou. O jornal A República publica ao lado das crônicas de Cascudo reportagens diárias que informam aos leitores do jornal sobre a chegada e estada de Mário Câmara, interventor federal, nas cidades do interior do Rio Grande do Norte. Em algumas dessas reportagens, Câmara Cascudo aparece discursando e saudando as populações locais. Dessa forma, pude constatar que Cascudo viaja ao Sertão não só com intuito de fazer uma pesquisa etnográfica nessa região, mas também, em caráter oficial. Luis da Câmara Cascudo integrava a comitiva oficial de Mário Câmara.

Ao ler e analisar as crônicas tive sempre em mente esse contraste entre as reportagens publicadas pelo jornal A República de Natal e a narrativa da viagem escrita por Cascudo. Tanto as crônicas quanto as reportagens relatam a viagem para o Sertão, mas, ao meu ver, com perspectivas diferenciadas. São olhares que se direcionam para paisagens distintas. Na minha opinião, importam menos a Cascudo e, isto, fica claro em seu relato, as homenagens, o caráter político da ida ao Sertão e mais a preocupação em descrever o cotidiano dos lugares por onde passou, a gente simples e anônima. O meu objetivo é ressaltar, nesse sentido, o fato de Cascudo transitar tanto no espaço oficial, âmbito da política e da notoriedade (cargos importantes, amizades influentes, etc.), quanto no espaço anônimo onde reside o popular (conversas, estórias, casos, etc.).

Dedico um capítulo de minha monografia para fazer uma análise dessa série de crônicas publicada por Cascudo em 1934, denominada “**Viajando o Sertão**”. Nesse capítulo pretendo de maneira mais aprofundada trabalhar com essa dupla dimensão na qual Câmara Cascudo parece transitar, vale dizer, o espaço público e o espaço do anônimo.

Procuro também fazer uma análise dos principais temas abordados nas crônicas produzidas por ele a partir da viagem ao sertão.

Num outro capítulo, intitulado **“Memórias de um Menino Sertanejo”**, abordo a metodologia adotada por Cascudo em sua pesquisa etnográfica sobre o sertão. Ao meu ver, o método de análise elaborado por Câmara Cascudo está pautado também por duas coordenadas distintas e complementares. Funda uma metodologia própria, calcada tanto na erudição, ou seja, no que ele mesmo chama de “biblioteca”, referindo-se ao estudo e coleta de dados e informações em outros autores do universo letrado, quanto na experiência pessoal, denominada por ele em vários de seus escritos como “Convivência”, contato direto com a gente simples do povo, com suas festas, com suas tradições mais arraigadas. Nesse capítulo pretendo desenvolver uma das hipóteses que permeiam essa monografia, vale dizer, verificar se o argumento de autoridade de Câmara Cascudo, quando esse se refere ao sertão, está fundado no aspecto da “Convivência”, ou seja, na experiência pessoal, na memória individual de um menino sertanejo, criado no sertão e, que nunca deixou o Rio Grande do Norte.

Um ponto que também esteve presente na minha leitura das crônicas foi o fato de Cascudo, no mesmo ano da viagem ao sertão, estar ocupando no Rio Grande do Norte o cargo de Chefe Provincial do Integralismo. Tanto a participação de Cascudo nos quadros dirigentes do Movimento Integralista quanto a grande influência de um pensamento de cunho conservador, eugênico e reacionário, nortearam também minha análise das crônicas sobre o sertão. Em um outro capítulo dessa monografia, **“Cascudo e o Integralismo”**, pretendo trabalhar mais essa influência do pensamento integralista. Saliento algumas passagens das crônicas nas quais Cascudo parece adotar uma postura eugênica com relação à raça e à cultura. Essa possibilidade de leitura das crônicas fundamenta também uma outra hipótese de minha monografia, na qual, pretendo verificar se na narrativa sobre a viagem ao interior do Rio Grande do Norte e, dessa maneira, na própria imagem que Câmara Cascudo constrói de sertão, estão presentes alguns indícios que ilustrem aspectos referentes à ideologia integralista, como por exemplo, a valorização da tradição e o valor negativo dado a práticas estrangeiras e hábitos cosmopolitas, assim como a exaltação dos elementos

morais que servem de base a essa doutrina, “Religião, Família- Pátria , Tradição” e, do mesmo modo como já afirmei, uma postura eugênica com relação à raça e à cultura.

Para além desses capítulos que tratam mais especificamente de Cascudo e da construção de um roteiro elaborado por ele com coordenadas bem específicas para conhecer o Sertão, pretendo também dedicar um capítulo de caráter mais panorâmico, que inicia minha monografia, intitulado “**O Brasil e o Sertão**”. Nesse capítulo, faço um apanhado mais geral da construção da idéia de Sertão no Brasil. Esse capítulo pretende assinalar os vários momentos da história brasileira onde o Sertão foi pensado e colocado como um espaço a ser enfrentado . Essa abordagem é importante, ao meu ver, por inserir Câmara Cascudo no interior dessa discussão sobre o interior do nosso país. Discussão esta que é constante no pensamento social brasileiro e que ganha dimensões bastante distintas a partir do olhar das diferentes gerações de homens que pensaram o Brasil.

Por fim, na conclusão, procuro recolher e relacionar as principais idéias presentes em cada um dos capítulos da monografia.

## CAPÍTULO 1: O BRASIL E O SERTÃO

O Sertão é uma categoria recorrente no pensamento social brasileiro. Essa relação entre o conceito de Sertão e o pensamento social brasileiro é uma hipótese proposta por Janaina Amado no artigo “Região, Sertão, Nação”<sup>9</sup> escrito para a revista “Estudos Históricos”.

*“Conhecido desde antes da chegada dos portugueses, cinco séculos depois ‘sertão’ permanece vivo no pensamento e no cotidiano do Brasil (...)”.*

*“(...) é uma das categorias mais recorrentes no pensamento social brasileiro, principalmente no conjunto da nossa historiografia.”<sup>10</sup>*

Um ponto que me parece interessante, a partir do entendimento do Sertão como uma categoria que esta presente no pensamento social brasileiro, é tentar traçar os diferentes significados que o conceito de Sertão ganha ao longo dos séculos.

No século XVI o conceito de Sertão estava presente de forma recorrente nos relatos dos viajantes e cronistas coloniais. O Sertão aparecia sempre em contraposição ao que era chamado de “Região Colonial”.<sup>11</sup>

O Sertão era caracterizado como um território vazio, desconhecido, espaço que não havia sido preenchido pela colonização; lugar marcado por uma constante desordem porque alheio à ordem colonial. Onde a barbárie e a selvageria imperavam na ótica do colonizador e dos colonos.

*“ A idéia do Sertão como espaço interior, mas associado a idéia de imensidão da nova terra encontrada, aparece já no primeiro relato sobre ela, a*

<sup>9</sup> AMADO, Janaina. “Região, Sertão, Nação”. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995. P. 145-151.

<sup>10</sup> IDEM:IBIDEM. p. 145-146

<sup>11</sup> MATTOS, Ilmar. R. de . “Moeda Colonial”. In: Tempo de Saguarema. São Paulo: Hucitec, 1997.

*carta de Pero Vaz de Caminha. ‘Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender d’ olhos não podíamos ver senão terras com arvoredos, que nos pareciam muito longa ...’ (...) De início parece que o sertão estava não só no interior, mas em toda a parte...”<sup>12</sup>*

A etimologia da palavra Sertão era “*lugar inculto, distante das povoações e terras cultivadas, longe da costa*”<sup>13</sup>. Tinha também o significado de ‘desertão’, que remetia a idéia de deserto.

A “Região Colonial”, diferente do Sertão, era um território marcado pela relação colonial; espaço ordenado pelo domínio do colonizador. Era o lugar da Cristandade, da Cultura e da Civilização. Terra que tinha Fé, Lei e Rei.<sup>14</sup>

No entanto, era recorrente nos relatos dos descobridores, dos cronistas, dos viajantes e dos missionários portugueses a oscilação entre uma postura negativa com relação ao Sertão e uma postura mais positiva referente a esse espaço. Sertão era Inferno, mas podia ser, também, Paraíso. Representava para alguns, o “*medo, o desconhecido, o vazio*”<sup>15</sup> e para outros, a esperança de “*se encontrar a riqueza tão desejada*”<sup>16</sup> Por exemplo, no caso dos degredados, expulsos da sociedade colonial, o Sertão era o lugar que possibilitaria a conquista da liberdade e da esperança. Segundo Janaina Amado, o fato do Sertão ser Inferno ou Paraíso, dependia da posição espacial e social que se ocupava, ou seja, do lugar “de quem falava”.<sup>17</sup>

A idéia de que o espaço interior poderia ser ocupado de forma gradativa era também constante. O Sertão era passível de virar “Região Colonial” através de mecanismos de

---

<sup>12</sup> MADER, Maria Elisa. O vazio: o sertão no imaginário da colônia nos séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado – PUC, 1995. p. 3.

<sup>13</sup> IDEM: IBIDEM. p. 2.

<sup>14</sup> MATTOS, Ilmar. R. de. Tempo de Saguarema. São Paulo: Hucitec, 1997.

<sup>15</sup> MADER, Op. Cit. p.17.

<sup>16</sup> IDEM: IBIDEM. p.17.

<sup>17</sup> AMADO, Janaina. “Região, Sertão, Nação”. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995. P. 150.

incorporação, que se davam, principalmente, a partir do processo de interiorização da colônia.

No século XVIII e até meados do século XIX o Sertão passava a despertar a curiosidade dos naturalistas que faziam expedições ao interior do Brasil. Eles realizavam estas viagens com o objetivo de fazer um inventário da natureza local desse espaço até então desconhecido. A categoria de Sertão aparecia também, já no Império, associada a tentativa de elaboração de uma História do Brasil. Esse espaço passava a ser uma referência para a nascente historiografia brasileira.

*“Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a ‘Nação brasileira’, capaz de garantir uma identidade própria.”<sup>18</sup>.*

Em 1838 é fundado o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, com o objetivo de pensar o Brasil a partir de “*postulados próprios de uma História comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação (...)*.”<sup>19</sup> Essa idéia de Nação não se opunha à antiga metrópole europeia, a Nação que estava se formando reconhecia o papel realizado pela colonização portuguesa na tentativa de civilizar a colônia. A identidade nacional que se pretendia formar estava, desse modo, inteiramente vinculada à herança colonial deixada pelo europeu.

Para escrever uma “História do Brasil”, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro incentivava várias viagens e excursões pelo interior do país, na expectativa de coletar material que possibilitasse a construção dessa História Nacional.

*“Concebido de forma ampla, o projeto de história nacional deveria dar conta da*

---

<sup>18</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História nacional. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. n. 1, 1988. P. 6.

<sup>19</sup> IDEM: IBIDEM. p. 6.

*totalidade, construindo a Nação em sua diversidade e multiplicidade de aspectos.”<sup>20</sup>*

Nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, o Sertão permanecia como uma categoria presente no pensamento social brasileiro. Nesse momento o interior do Brasil ganhava destaque na tentativa de formação e construção de uma identidade nacional. No entanto, uma identidade que não estava mais pautada na exaltação do nosso passado colonial, mas sim, na valorização de elementos autênticos e específicos da nossa nacionalidade.

A “cidade letrada”<sup>21</sup>, nesse período, se dividia em dois tipos de linhagens distintas. Uma que via nossa identidade nacional a partir do litoral e uma outra que acreditava no Sertão como o espaço que marcava nossa singularidade.<sup>22</sup> A primeira desejava construir a imagem de um país do futuro, integrado ao contexto das Nações civilizadas. Desse modo, o Brasil deveria ter como modelo a Europa e a América do Norte, afim de se tornar cada vez mais civilizado e caminhar para o progresso. Para esses letrados deveríamos ressaltar o que tínhamos de mais exótico no nosso país, a natureza. Era ela que nos caracterizava e marcava, nesse sentido, nossa identidade. No que se refere a segunda linhagem, a construção de nossa identidade nacional estava na valorização da nossa tradição e do nosso passado, identificado com as práticas e costumes do interior do nosso país. Esses letrados acreditavam que era necessário integrar o Sertão no conjunto da nação. A partir da valorização desse espaço seríamos capazes de encontrar e descobrir as raízes do nosso país. Luis da Câmara Cascudo integrava essa segunda linhagem de letrados. A crítica à influencia cosmopolita em nossa cultura que acabava por descaracterizar algumas práticas e costumes tradicionais é uma questão que esta presente nos livros e no pensamento de Cascudo.

## **CAPÍTULO 2: MEMÓRIAS DE UM MENINO SERTANEJO.**

---

<sup>20</sup> IDEM: IBIDEM. p. 16.

<sup>21</sup> A idéia de “cidade letrada” esta presente no livro de: RAMA, Angel. A cidade das Letras. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Luis da Câmara Cascudo dedicou-se ao longo de grande parte de sua vida intelectual à temática do Sertão. A vida do homem sertanejo, a descrição minuciosa de seus usos e costumes aparece como uma das preocupações constantes desse intelectual norte-rio-grandense. Em seus escritos sobre o cotidiano, vale dizer, nas muitas crônicas escritas por Câmara Cascudo e publicadas em diferentes jornais de sua terra natal, o sertão aparece como um tema bastante recorrente. Após um levantamento de grande parte dessa valiosa contribuição de Cascudo como cronista, e cabe lembrar que por 50 anos escreveu crônicas diárias nos jornais de Natal, pude constatar como o Sertão é um dos temas mais privilegiados pelo intelectual potiguar dentre tantos outros, e tão variados. Desde a década de vinte, portanto, nos primeiros anos de sua atuação como intelectual, Câmara Cascudo dedicou-se à temática do Sertão, assim como o fez até o fim de sua vida. São inúmeras também as referências à temática do Sertão nos livros escritos por Luis da Câmara Cascudo. As que mais se repetem são as que remetem à infância vivida no Sertão. Lembranças e memória individual de um menino que foi criado nesse universo :

*“A festa de Paraí é para mim um sopro que vem de longe (...). Vários homens eram meninos de meu tempo de irresponsabilidade jurídica. Dona Maroca Vêras, Silvestre, Luiz Godim, meu primo, a fama de meu nascimento em terras de Campo Grande e daí a aclamação para que eu falasse em nome da saudade que o ambiente revigora, tudo aparece, súbito numa vida poderosa.”<sup>23</sup>*

Uma dessas referências aparece também na introdução do livro Tradição, Ciência do Povo<sup>24</sup>:

*“Pertença a famílias do Sertão onde vivi e deixei já rapazinho. O material desse depoimento constitui cenário de infância e*

---

<sup>22</sup> NEVES, Margarida de Souza e MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Monteiro Lobato e Cecília Meireles e outros ‘Descobrimientos do Brasil’ ”. Rio de Janeiro: Departamento de História PUC-Rio, CNPq, 1996.

<sup>23</sup> CÂMARA CASCUDO, Luis da. Viajando o Sertão. Natal: Fundação José Augusto-CERN, 1984. p. 21.

<sup>24</sup> IDEM: Tradição, Ciência do povo. Pesquisas na Cultura Popular do Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. (Coleção Debates).

*juventude. Gado, cavalo, vaqueiros e cantadores. Residindo em Natal, a casa de meu Pai era o ‘Consulado do Sertão’, cheia de exilados das caatingas e derrubadas. Como não entender a referência temática de minha Raça? A imagem que me aplicavam na inquietação menina, ainda emprego, maquinalmente, aos netos inocentes de Sertão: ‘Você esta adivinhando chuva?’”<sup>25</sup>*

Em Vaqueiros e Cantadores<sup>26</sup>, Câmara Cascudo afirma ter vivido no Sertão típico onde ouvia várias ‘estórias’.

*“Ouvi estórias de trancoso, de cangaceiros, de gente rica, guerras de família, heroísmos ignorados, ferocidades imprevistas e completas. Também recordavam vida de missionários, de santos canonizados pelo povo, superstições, adivinhações de chuva e bom tempo, rezas fortes para ser feliz em tudo, para não cair do cavalo, para ficar-se invisível . (...) Vivi nesse meio. E deliciosamente.”<sup>27</sup>*

Como podemos perceber nos trechos citados acima, é extremamente significativa para Cascudo toda essa experiência de vida marcada pela convivência com as práticas e costumes que são característicos do Sertão. É, justamente, a partir dessa experiência que Câmara Cascudo fundamenta seu argumento de autoridade. Na introdução de Tradição Ciência do Povo, Cascudo afirma que as viagens, as leituras, a cátedra, não apagam o menino sertanejo.<sup>28</sup> Ao meu ver, Cascudo tenta aliar tanto sua bagagem intelectual proveniente de suas vastas leituras, e, desse modo, seu contato, com o que ele mesmo denomina, de a “Biblioteca”, referindo-se à cultura livresca e conformada através do estudo e da erudição letrada, quanto o aspecto da experiência, que ele chama de “Convivência”, do trato cotidiano com o povo simples do sertão como da cidade, que

---

<sup>25</sup> IDEM: IBIDEM. p.30.

<sup>26</sup> IDEM: Vaqueiros e Cantadores: Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

<sup>27</sup> IDEM: IBIDEM. p. 16.

sempre considerou seus informantes privilegiados, adquirida pelo fato de ter nascido na Província e permanecer nela.

*“Ter permanecido na Província, ‘provinciano incurável’ dizia-me Afrânio Peixoto, constituiu-me uma fonte de informação, na mesma autoridade das outras, com a vantagem de não poder ser enganado pela imaginação da burla, podendo confrontar as notícias no processo da equivalência.”<sup>29</sup>*

É pela simplicidade, pela convivência que Cascudo acreditava poder ver as coisas que os outros intelectuais eram incapazes de perceber. Essa idéia esta presente de forma bastante clara em Canto de Muro<sup>30</sup>, livro que ele classifica como sendo um “romance de costumes”, e que é muito atípico no conjunto de sua obra. Cascudo nesse livro dedica-se a observar a vida e o comportamento de alguns animais, principalmente insetos e répteis e, também outros tipos que vivem num “canto de muro” avistado por ele quando se encontrava escondido atrás de arbustos e folhagens. Esse cenário é supostamente um recurso de ficção literária utilizado pelo o autor mas que se presta ao tipo de proposta presente no livro. Na sua análise procura estabelecer uma oposição entre o conhecimento adquirido nos laboratórios científicos e aquele realizado através de mecanismo não oficiais, vale dizer a partir de uma observação direta e sem intervenção do observador no objeto a ser analisado, no qual seu método de pesquisa, segundo ele esta pautado. A observação feita por Cascudo dos animais se dá no ambiente natural em que esses vivem. Dessa forma, consegue fazer com que esses não percebam que estão sendo observados. Se esses animais fossem observados fora de seu espaço natural, colocados assim, num espaço artificial, como por exemplo, num laboratório, provavelmente, segundo a perspectiva de Cascudo, eles agiriam e se comportariam de maneira não autêntica. Os animais podem ser pensados de forma análoga aos homens e suas manifestações populares. Cascudo acreditava que ao conversar com um homem do Sertão poderia apreender várias informações sem que esse

---

<sup>28</sup> IDEM: Tradição, Ciência do povo. Pesquisas na Cultura Popular do Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. p.30.

<sup>29</sup> IDEM: Folclore do Brasil (pesquisas e notas). Rio de Janeiro/ São Paulo, Fundo de Cultura, 1967. P.249.

<sup>30</sup> IDEM: Canto de muro. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1959.

percebesse que estava sendo “alvo de uma futura exploração letrada”<sup>31</sup>. Isso ocorria porque na ótica de Cascudo, tanto ele quanto o sertanejo falavam a mesma língua. Cascudo dominava todo o vocabulário do homem do Sertão, sabia o significado dos termos corriqueiramente usados naquela região e conhecia sua coragem e seus medos, sua fé e suas superstições, seus gestos e seus ditados. Por isso, acreditava ele, tinha direito de cidadania sertaneja, podendo ser visto e ver-se a si próprio como um igual, ainda que o distinguisse a fortuna e a ilustração.

Segundo Câmara Cascudo, o fato de entender os costumes e práticas do Sertão se dava pelo conhecimento da história e da trajetória desse lugar e dos homens que lá habitavam, não por ter lido nos livros, mas sim, por ser parte integrante do mesmo universo que permeava a vida desses homens.

*“Menino, fui com minha mãe para o Sertão. (...) Não estudei a vida sertaneja há mais de meio século. Vivia integralmente. Todos os motivos de pesquisa foram inicialmente formas de existência natural, assombrações, alimentos, festas, soluções psicológicas.”<sup>32</sup>*

*“Depois de relativamente alfabetizado, adoeci da moléstia livresca. (...) Foi então que comecei a encontrar nos livros, como coisas distantes e antiquíssimas, quanto vira e vivera no Sertão e na velha Natal. (...) Com essas reminiscências quero explicar que não encontrei o folclore nos livros e nas viagens. Não o estudei depois de vê-lo valorizado pelo registro. Encontrava nele as estórias de meu Pai, de minha Mãe, da velha Bibi, dos pescadores, rendeiras e cantadores, familiares.”<sup>33</sup>*

Ele não fazia como a maioria dos etnógrafos uma pesquisa de campo no sentido mais usual a que esse termo possa remeter. Não ia a uma determinada região e permanecia nela por algum tempo afim de observar os costumes e práticas específicos que caracterizavam a vida naquele determinado lugar. A pesquisa de campo realizada pela maior parte dos etnógrafos é o tema de análise de James Clifford no livro “A experiência

---

<sup>31</sup> IDEM: IBIDEM. p. 2.

<sup>32</sup> IDEM: Seleta: organização e notas de Américo Oliveira Costa. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, Instituto Nacional do Livro, 1972. P. 7.

<sup>33</sup> IDEM: Folclore no Brasil (pesquisas e notas). Rio de Janeiro, São Paulo: Fundo de Cultura, 1967. P.248.

etnográfica: antropologia e literatura no século XX”<sup>34</sup>, no qual o autor aborda o tipo de interpretação utilizada pelo etnógrafo e como é fundada sua autoridade etnográfica ao eleger um tema a ser estudado. Diferente da maioria dos etnógrafos que realizam pesquisas de campo e fundam sua autoridade etnográfica no fato de estar na região a ser pesquisada e analisada, no caso específico de Cascudo a sua autoridade etnográfica esta pautada na premissa de sempre ter estado lá. Aliava, simultaneamente, ao trabalho de campo, a sua experiência de menino criado no Sertão e sua capacidade de interpretação, e, a seus olhos, era precisamente essa experiência que qualificava sua produção intelectual e a fazia diferente da de outros estudiosos. A experiência permitia um saber mais calcado na memória e na convivência, o que acabava por diferenciar, segundo Cascudo, seu trabalho dos demais etnógrafos. Ele dominava tanto o conhecimento erudito, e, desse modo, a ciência dos letrados, quanto o conhecimento popular, o saber do homem comum.

---

<sup>34</sup> CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. José Reginaldo Santos Gonçalves (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

### CAPÍTULO 3: VIAJANDO O SERTÃO

Viajando o Sertão foi publicado em 1934 no formato de livro e também como uma série de crônicas no jornal A República, de Natal<sup>35</sup>. Sucederam à primeira edição mais duas, uma em 1975 e outra em 1984, decorrente da “I Semana de Estudos Cascudianos”, promovida pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Câmara Cascudo narra nas dezoito crônicas escritas no livro sua viagem ao interior do Rio Grande do Norte. No período de 16 a 29 de maio de 1934, Luis da Câmara Cascudo faz uma viagem pelo Sertão de seu Estado convidado pelo Interventor federal Mário Câmara. Além de Cascudo, na comitiva oficial organizada pelo Interventor federal, estavam mais outras quatro personalidades ligadas à Educação, à Agricultura e Açudagem: Anfilóquio Câmara, Diretor Geral do Departamento de Educação, Antônio Soares Júnior, Prefeito de Mossoró, Alcides Franco, Chefe da Segunda seção técnica do Serviço de Plantas têxteis e Oscar Guedes, inspetor do mesmo Serviço. No momento em que empreende a viagem, Cascudo ocupava o cargo de Chefe Provincial do Integralismo, e esse dado parece particularmente interessante, tanto para sublinhar as implicações políticas da viagem quanto para contextualizar o que então escreve.

Antes de tratar propriamente do livro Viajando o Sertão, é importante abordar a questão das relações políticas estabelecidas no Rio Grande do Norte no momento em que Câmara Cascudo faz essa viagem ao Sertão, visto que Cascudo nesse período participava de forma ativa na esfera política de seu Estado.

O governo que assume o poder no Rio Grande do Norte após a revolução de 1930 tinha como objetivo principal estabelecer relações entre as diferentes instâncias políticas, o poder central, o poder das interventorias e o poder regional. O estabelecimento dessas relações era a grande questão a ser enfrentada naquele momento. Seria bastante delicado

---

<sup>35</sup> A República. 31/ 05/ 1934 a 22/05/ 1934.

tentar “*liquidar as estruturas políticas regionais preexistentes*”<sup>36</sup> que exerciam ainda um grande prestígio naquela região. Era mais prudente tentar apenas “*subordiná-las e delimitar seu âmbito de atuação.*”<sup>37</sup> A partir dessa estratégia e buscando conseguir o maior número possível de políticos locais que apoiassem o novo governo, Getúlio Vargas nomeia em 1933 como Interventor federal do Rio Grande do Norte, Mário Leopoldo Pereira da Câmara, um político nascido naquela região. Diferente do que normalmente ocorria nos outros Estados do país, o Interventor federal norte-rio-grandense não era um homem de fora, escolhido para atuar naquele Estado, mas sim uma figura do próprio Estado.

*“O novo interventor recebeu de Vargas uma missão bem precisa: aproximar-se do grupo de José Augusto para dar, no Rio Grande do norte, cobertura ao governo federal. Mas essa aproximação deveria ser de forma tal que Mário Câmara pudesse dar as cartas e ser o poder decisório último.”*<sup>38</sup>

José Augusto era um dos políticos mais respeitados do Rio Grande do Norte, e dominava a política local antes do início da década de 30. Era ela a figura que personificava o poder das oligarquias tradicionais locais, que deveriam ser arregimentadas por Mário Câmara na tentativa de ampliar seu domínio e influência no Estado. Em 1934 uma polêmica é gerada em torno dos nomes de José Augusto, do Interventor federal Mário Câmara e de Luis da Câmara Cascudo. Segundo uma nota presente na edição de 1975 do livro, escrita por M. Rodrigues de Melo, o fato de Câmara Cascudo ser um integrante da comitiva oficial do Interventor federal Mário Câmara, acabou por suscitar uma grande polêmica. A ala revolucionária do Integralismo não havia gostado nem um pouco da

---

<sup>36</sup> SPINELLI, José Antônio. *Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar: 1930-35*. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1996. P. 127.

<sup>37</sup> IDEM: IBIDEM. P. 127.

<sup>38</sup> IDEM. IBIDEM. P. 131.

escolha, e o mesmo acontecera com o grupo político que tinha como chefe o Deputado José Augusto Bezerra de Medeiros, segundo a nota, um “*político apeado do poder pela revolução de 1930 julgando-se herdeiro da política do Seridó*” e que por isso, não queria que “*lhe escapassem as rédeas e a liderança da política do Estado.*” O Deputado José Augusto leva público em 27 de abril de 1934 uma acusação referente a um possível suborno que o Interventor federal teria feito. O Deputado afirmava que Luis da Câmara Cascudo teria recebido de Mário Câmara o pagamento de “*quatro contos e tantos mil réis*” para ser o orador das caravanas da interventoria pelo interior do Estado. Câmara Cascudo defende-se publicamente no principal órgão governista de imprensa do Estado, o jornal “A República” no dia 04 de setembro de 1934:

*“(…) Tenho feito vários discursos em presença de chefes locais do Partido Popular e Povo, e desafio, de maneira formal, que qualquer um desses senhores afirme, sob sua assinatura, que me ouviu abordar qualquer tema que se referisse ao momento político atual. Se o tivesse feito, assumiria absolutamente toda e completa responsabilidade.*

*Chefe Provincial Integralista, miliciano convicto, considero os Partidos Políticos meras fórmulas desacreditadas e incapazes de uma renovação social. Não pertenço a nenhuma agremiação partidária e mantenho relações íntimas com vários próceres que não ignoram a retidão de minha atitude assumida publicamente a 14 de julho de 1933.*

*Aos ‘camisas – verdes’ de minha Província não dou explicações, porque eles me conhecem de perto. Aos políticos é desnecessária qualquer justificação em contrário às suas afirmações, porque ‘política é isso mesmo.’*

Ao se defender da acusação Câmara Cascudo afirma que em nenhum momento tomou em seus discursos um posicionamento político com relação a qualquer partido. Mas é inegável, ao meu ver, um certo comprometimento por parte de Cascudo com relação a política de governo do Interventor federal Mário Câmara. Ele é chamado pelo Interventor federal para fazer parte da Comitativa que acompanharia Mário Câmara na viagem ao interior

do Estado e, ao aceitar o convite, legitima com sua presença o interventor e associa a ele sua imagem pública. Viagem realizada com o objetivo de conquistar apoios políticos nas diferentes cidades do Estado, além de servir como uma forma de propaganda do próprio governo interventorial, que ao passar pelas cidades inaugura obras públicas, promete benfeitorias, enfim, tenta de todas as maneiras possíveis estabelecer contatos com as lideranças políticas das mais distintas regiões e também conquistar apoio nas camadas populares, seu cunho explicitamente político é evidente, e não depende do teor dos discursos de seus acompanhantes.

O jornal A República publica ao lado das crônicas da viagem ao Sertão escritas por Cascudo, que lidas fora do contexto do jornal nem de longe fariam pensar no contexto em que foram produzidas, uma versão jornalística e pretensamente apenas noticiosa, onde é descrita a passagem do Interventor pelas cidades e vilas. Essa reportagem descreve as homenagens prestadas a Mário Câmara, almoços, jantares, as recepções e as condecorações distribuídas. Essa narrativa da viagem não é assinada. A série de reportagens é estruturada como se quem a escrevesse estivesse presente na viagem. Nesse caso, um dos cinco integrantes da comitiva. Acredito que quem provavelmente escreve a série tenha sido o próprio Luis da Câmara Cascudo, já que as demais personalidades que acompanham o interventor na viagem são homens ligados a áreas técnicas e burocráticas, distantes do jornal e das práticas jornalísticas.

Na versão jornalística da viagem, aparece muitas vezes a referência a Cascudo discursando para a população local das cidades.

*“Concedida a palavra, o Dr. Dario de Andrade pediu que o Dr. Câmara Cascudo, filho do município [Paraú], falasse. (...), falou o Dr. Câmara Cascudo aceitando o título de saudar a velha terra de seus pais e avós. Falou sobre a função das escolas e a saudade de seus dias de menino decorridos naquela terra, sob a benção carinhosa daquela bondade que novamente o recebia e agasalhava. A grande assistência aplaudiu longamente o orador.(...)”<sup>39</sup>*

---

<sup>39</sup> A República. Natal, 02/06/1934

É interessante notar como nesse discurso proferido por Cascudo o elemento da memória individual esta presente. A terra de seus pais e avós traz a lembrança de sua infância de menino sertanejo, de sua identidade familiar e sentimental com aquela região. Numa das crônicas da viagem ao Sertão Cascudo lembra ter batido “*com os pés infantis*”<sup>40</sup> aquela região inteira . Nas crônicas aparecem de maneira constante várias referencias ao tempo em que Cascudo viveu no Sertão e sua identidade com os temas populares que aqueles lugares remetem. Ao menos no que diz respeito às crônicas escrita, parecem importar menos a Cascudo, e isso, fica claro em suas crônicas, o caráter político da viagem e mais a preocupação em descrever o cotidiano das cidades, a gente simples e anônima.

*“Minha curiosidade acendia-se ao contato dos temas prediletos.”*

*“(…) tipos, anedotas, casos, observações (...) a incrível espirtuosidade das respostas sertanejas, são dignos de maior demora numa leve e breve série de registros.”<sup>41</sup>*

*“O interventor visita o Grupo Escolar. Eu fico olhando as calçadas cheias de povo que afirma a impossibilidade de transpor o rio Assú, trasbordante e seu aliado, o Paraú, de barreira a barreira.”<sup>42</sup>*

*“Pela manhã tivemos a linda festa do Colégio Nossa Senhora das Vitórias. (...)*

*Na saída sei que iremos para o Centro Artístico Operário Assulense. Mas o Ângelo Pessoa tem um operário para mostrar-me e atravesso os areais da cidade (...) onde, numa casa caindo de velha e negra de velhice, mora José Leão, sexagenário, ‘fazedor de santos’.”<sup>43</sup>*

*“O auto corre, galga os primeiros metros, num impulso rouco, pára trepidando (...). Um a um os autos se detém. Eu aproveito para pular a cerca e ir ver um milharal, imenso, (...), cheirando a São João, prometendo o cardápio sem par do nordeste. No lamaçal luta-se cortando mato*

---

<sup>40</sup> IBEDEM. 05/06/1934.

<sup>41</sup> IBIDEM. 31/05/34.

<sup>42</sup> IBIDEM. 02/06/1934.

<sup>43</sup> IBIDEM. 03/06/1934.

*para evitar o piso falso. Empurra-se. Conversa-se. Finalmente, num bramido de motores enfurecidos, os autos arrancam, atirando lama e folhas pelo ar. Passam. Eu ando a pé e vou retomar meu lugar adiante. A um dos caboclos que ajudaram a desvencilhar os carros, pergunto o nome do local. Tenho uma resposta que é uma ironia: – Isto aqui é ‘corredor da Fortuna’!...”<sup>44</sup>*

Cascudo transita tanto no espaço oficial, âmbito da política e da notoriedade, cargos importantes, amizades influentes, quanto no espaço onde reside o popular, conversas, estórias, casos e etc. Ele, como podemos perceber nas passagens citadas acima, prefere muitas vezes deixar de acompanhar a comitiva oficial para ir observar a vida nas cidades por onde passa, conversar com povo, aprender suas estórias, suas práticas e costumes. A cultura tradicional do homem sertanejo é, para o registro das crônicas, o que realmente chama a atenção de Cascudo na viagem pelo interior do Estado. Essa cultura do Sertão, que segundo ele, esta ameaçada de perder suas características próprias. Cascudo critica em várias crônicas o fato do litoral avançar de forma cada vez mais avassaladora sobre o Sertão. O Litoral aparece em seus textos dessa série marcado pelo cosmopolitismo, por constantes transformações, e o Sertão pela permanência de práticas tradicionais, que tendem a desaparecer, pela influência de elementos da cidade. A perda da “*fisionomia*”<sup>45</sup> do Sertão é perceptível aos olhos de Cascudo, quando por exemplo, o sertanejo oferece “*galinha e macarrão ao invés de carne de sol e coalhada.*”<sup>46</sup> aos visitantes vindos da capital, ou quando a paisagem de uma cidade sertaneja conhecida não é mais aquela de tempos passados, “*(...)Duma colina, bruscamente, aparece Angicos, um Angicos duplicado, espalhando uma casario numa área infinitamente maior que há dez anos passados. Prédios novos, estradas (...), caminhões pesados de algodão dizem índices de produção radicada.*”<sup>47</sup> Em uma das crônicas Cascudo aborda a questão do vocabulário utilizado pelo homem sertanejo e afirma:

---

<sup>44</sup> IBIDEM. 05/06/1934.

<sup>45</sup> CÂMARA CASCUDO, Luis da. Viajando o Sertão. Natal: Fundação José Augusto-CERN, 1984. p.31.

<sup>46</sup> IDEM: IBIDEM. p.15.

<sup>47</sup> IDEM. IBIDEM. P. 18-17.

*“ (...) Um estudo urgente impor-se-ia para recolher centenas de vocábulos clássicos ainda manejados usualmente. Daqui a algum tempo o sertanejo falará como todos nós. O ambiente, renovado pelos jornais, escolas, visitas e viagens, atravessa um período de transformação rápida.”<sup>48</sup>*

Para Câmara Cascudo só distanciando-se do Litoral o sertanejo é capaz de conservar suas práticas e costumes característicos. Caso esse distanciamento não se proceda sua cultura estará fadada a desaparecer por completo. A valorização da cultura do homem do sertão, através de um estudo sistemático de sua indumentária, de seu vocabulário, de suas danças, enfim, de suas práticas como um todo, é para ele fundamental para a conservação desse Sertão que tende a cada dia que passa a “*descaracterizar-se*”<sup>49</sup>. Cascudo cita em uma das crônicas alguns estudiosos que desenvolveram trabalhos sobre essa temática, dentre eles, Gustavo Barroso – o grande teórico do integralismo e referência intelectual básica para os “camisas verdes” e para o próprio Cascudo, a julgar pelo número de livros desse autor, quase todos com dedicatórias calorosas do autor, presentes em sua biblioteca -, João Ribeiro, Lindolfo Gomes e Alberto de Faria, mas afirma que esses trabalhos não são suficientes, porque o “*Sertão exige uma existência inteira voltada ao seu amor (...)*”<sup>50</sup> Essa frase parece bastante significativa, pois diz muito sobre o tipo de trabalho que Câmara Cascudo pretendia realizar. Estudar a vida do homem sertanejo, não era para ele, simplesmente, ater-se por um determinado momento a esse tema e depois de estudá-lo ir a procura de outros temas completamente diferentes. Voltar-se por completo ao longo de toda sua vida intelectual a essa temática, nunca deixando-a de lado, é para Luis da Câmara Cascudo um dos aspectos essenciais do que considera sua missão como intelectual. Mesmo quando escreve sobre outros assuntos, as memórias de um menino sertanejo parecem estar sempre presentes, por vezes como tema e objeto de estudo, por vezes como argumento de legitimidade, por vezes como horizonte de reflexão. Ele nunca abandona a sua identidade de menino criado no Sertão e também, sua identidade de homem que permaneceu na província.

---

<sup>48</sup> IDEM. IBIDEM. P.39.

<sup>49</sup> IDEM. IBIDEM. P. 46.

---

<sup>50</sup> IDEM. IBIDEM. P. 47.

## CAPÍTULO 4: CASCUDO E O INTEGRALISMO

Em 1934, ano da viagem ao sertão e da redação da série de crônicas que compõe seu livro específico sobre o tema do sertão, Cascudo ocupava o cargo de Chefe do Integralismo no Rio Grande do Norte. Nesse período mantinha contato direto com o pensamento integralista e com os intelectuais que faziam parte da AIB, Ação Integralista do Brasil, fundada por Plínio Salgado em 1932. O intelectual integralista de renome que mantinha uma relação mais próxima com Cascudo era Gustavo Barroso, Chefe de Milícia do Integralismo. Acredito que essa proximidade se dava pelo fato de ambos, tanto Câmara Cascudo quanto Gustavo Barroso, produzirem escritos sobre o folclore, o que acabava por delimitar uma identidade comum entre esses dois intelectuais. O contato mais direto de Cascudo com os integralistas, principalmente com Gustavo Barroso e também com Plínio Salgado, pode ser identificado a partir das visitas feitas por esses intelectuais ao Rio Grande do Norte em 1934, assim como através das diversas dedicatórias presentes nos livros que esses integralistas enviavam para Cascudo e que estão conservados em sua biblioteca, hoje aberta ao público no Memorial Câmara Cascudo, que divide com a catedral Velha, o antigo Palácio de Governo, e o Instituto Histórico do Rio Grande do Norte a mais tradicional e importante das praças do centro histórico de Natal. Essas dedicatórias são bastante emblemáticas por marcarem o grau de relação de Cascudo com esses intelectuais. São pequenos textos, mas que ilustram a aproximação de Câmara Cascudo com o movimento integralista. O conteúdo das dedicatórias indica a amizade travada por Cascudo, por exemplo, com Gustavo Barroso. Esse integralista se dirige a Câmara Cascudo nas dedicatórias como “*um velho amigo*”, chama-o de “*Cascudinho*”, cumprimenta-o com o termo “*Anauê*”, expressão muito utilizada pelos integralistas naquela época.

Em 1933 é criado um núcleo da AIB no Rio Grande do Norte. O Integralismo teve bastantes adeptos no Rio Grande do Norte, principalmente nas cidades de Acari e Currais Novos na região do Seridó. No mesmo ano da fundação do núcleo no Rio Grande do Norte, os integralistas escreviam uma coluna diária no jornal governamental A República, além de terem outros órgãos próprios de divulgação, como por exemplo, os jornais A voz Integral e A Renovação. Os principais adeptos desse movimento no Rio Grande do Norte,

como aliás em outras latitudes do país, eram intelectuais em sua maioria católicos e conservadores, assim como, alguns profissionais liberais, pequenos comerciantes e professores. José Antônio Spinelli conta em seu livro<sup>51</sup> que nas primeiras reuniões da AIB no Rio Grande do Norte, ocorridas no Ateneu Norte-rio-grandense, compareceram mais de cem estudantes. Segundo ele o movimento tinha um grande potencial mobilizador, mas isso não significava que as classes dominantes locais “*afeitas à política de clientela e aos conchavos de gabinete*”<sup>52</sup> aderissem e apoiassem o movimento, embora “*apreciasse seu anticomunismo e seu culto à tradição*”<sup>53</sup>

As bases do pensamento integralista estavam pautadas na valorização do que seus principais ideólogos chamavam de *elementos morais da nacionalidade*, “*Religião, Família - Pátria, Tradição*”. A crítica a hábitos importados e cosmopolitas, ou seja, ao “*estrangeirismo*” era bastante recorrente. Os integralistas acreditavam que era fundamental a valorização dos costumes autenticamente brasileiros. A exaltação de nossas tradições deveriam ser sempre invocadas.

Na leitura de Viajando o Sertão pude perceber diversas convergências teóricas entre o tipo de análise que Câmara Cascudo faz sobre a temática do Sertão e as principais idéias que permeiam o pensamento integralista. Tanto Cascudo quanto os teóricos do integralismo encaram a tradição como uma questão chave na valorização da nossa cultura. Ambos acreditavam na família enquanto elemento de conservação e permanência da tradição. Cascudo valoriza o aspecto da família ao dar a uma de suas crônicas o título, “*Fundamentos da Família sertaneja*”, na qual faz uma genealogia das famílias tradicionais que povoaram o Sertão no final do século XVII e no decorrer do século XVIII. Essa crônica me parece bastante significativa pois nela estão presentes alguns elementos que permitem perceber qual o entendimento que Câmara Cascudo tinha da questão da raça e da cultura. Cascudo afirma nessa crônica que a formação do homem sertanejo se deu pela influência de duas raças distintas, Portugueses e Índios. No Sertão a influência do elemento negro, segundo

---

<sup>51</sup> SPINELLI, José Antônio. Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar: 1930-35. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1996. P. 127.

<sup>52</sup> IDEM. IBIDEM. P. 174.

<sup>53</sup> IDEM. IBIDEM. P. 174.

ele, foi quase nula, dando origem assim a um povo etnicamente diferente do que ocorria no daquele do restante do país.

*“(…)Regiões inteiras corremos sem um herdeiro dos velhos trabalhadores escravos. A lenda da “mestiçagem nordestina” esta pedindo uma verificação para desmentido completo. Nós tivemos sempre uma percentagem negra inferior aos outros elementos étnicos.”*<sup>54</sup>

No que se refere a influência do elemento português, Cascudo afirma que “o coeficiente branco” foi dominante na região. Segundo ele, o maior índice de influência vinda da Europa diz de que de “sangue valoroso saíra o sertanejo primitivo”<sup>55</sup>. O uso de termos, como por exemplo, “pureza de sangue”, “ sangue valoroso”, “veio comum e antigo” associados ao elemento branco português são bastante recorrentes. Ao meu ver a utilização desses termos refletem no pensamento de Cascudo uma postura eugênica com relação à raça e à cultura. Essa perspectiva racista também aparece de forma bastante evidente no pensamento integralista em seu conjunto e na doutrina do movimento que deu corpo histórico ao fascismo no Brasil.

A inserção de Luis Câmara Cascudo no Movimento Integralista no mesmo período em que ele escreve Viajando o Sertão, como podemos ver, parece ter sido decisiva para a formulação e o conteúdo específico da noção de Sertão que Cascudo apresenta no livro, assim como para o seu entendimento de Brasil . Sertão como um espaço marcado ainda por práticas e costumes tradicionais, que devem ser sempre valorizados e reconhecidos, pois lá se encontram de forma mais particular os elementos que particularizam o povo brasileiro. O Brasil, na perspectiva de Câmara Cascudo, está no Sertão, está nos elementos seculares que sobrevivem e permanecem no cotidiano do homem sertanejo.

## **CONCLUSÃO:**

---

<sup>54</sup> CÂMARA CASCUDO, Luis da. Viajando o Sertão. Natal: Fundação José Augusto-CERN, 1984. p.22.

<sup>55</sup> IDEM: IBIDEM. P. 32.

O sertão de Luis da Câmara Cascudo só pode ser pensado e analisado se associado à questão da memória adquirida pela experiência do menino criado no sertão. Esse menino que mesmo depois de crescido e letrado não abandonou essa identidade, a partir da qual ele funda sua autoridade quando produz vários escritos sobre esse espaço e a vida dos homens que nele habitam. O sertão guarda mistérios e muitas sabedorias que são compartilhadas por aquele que privilegiou esse espaço no conjunto de sua produção intelectual. O interior do Brasil não é para esse intelectual um tema, mas sim uma coordenada geográfica e simbólica que permeia toda a sua trajetória. A experiência adquirida pelas muitas leituras que imprimem a Cascudo uma grande erudição só faz sentido, como muitas vezes afirma nos seus escritos, se associada a convivência com as práticas e costumes específicos desse cenário tão vital para sua existência. Nos livros escritos por Cascudo fica claro essa busca de construir uma auto-imagem que tem como o eixo central o contato direto e permanente com as práticas e costumes do homem sertanejo e suas representações.

Uma leitura também possível dos livros de Cascudo nos quais a temática do sertão esta presente se refere a tentativa quase missionária desse intelectual de recolher e coletar a tradição dessa região. O fato de não permitir através de seus escritos que as práticas do homem sertanejo desapareçam com as modificações geradas pelo passar dos anos e até mesmo dos séculos parece nortear essa luta contra o tempo que Câmara Cascudo imprime ao longo de toda a sua vida intelectual, a partir da valorização constante dos elementos da tradição. Ele monumentaliza o sertão como uma maneira de parar no tempo esse cenário conhecido “com os pés infantis”. Recolhe a tradição desse espaço para imobiliza-la nem que seja apenas nos seus livros. Seus escritos são uma compilação desse passado visto retrospectivamente, neles segundo Cascudo pode-se ter um contato através de sua memória fiel com as tradições dessa região.

Câmara Cascudo em 1926 escreve um poema cujo o título e os versos são bastantes significativos para pensar essa questão da imobilização no tempo da vida do homem sertanejo a partir da busca incessante de suas tradições. O poema intitula-se: “Não gosto de Sertão verde”<sup>56</sup>. Os versos escritos por Cascudo dão conta de um sertão árido, seco, vermelho, bruto, onde a “*terra é cinza povoada por um sol de cobre*” e, essas são as qualidades desse espaço evocadas no decorrer das estrofes do poema. Cascudo exalta desse modo, as características que exemplificam a vida dura levada pela população sertaneja, a seca que de certo modo, assola e faz com que as condições de sobrevivência no interior do nosso país sejam complicadas e muitas vezes até inviáveis, levando a morte principalmente de muitas crianças e famílias inteiras. A mesma seca que provoca a desintegração das famílias, quando exige que os homens migrem para outras regiões afim de garantir algum sustento muitos deles deixando suas mulheres e filhos. É claro que no momento que Cascudo escreve esse poema, as condições de vida nessa região eram muito mais marcadas pela pobreza, do que propriamente por um estado de miséria absoluta tão visível nos dias de hoje. No entanto, é significativo pensar a partir da leitura do poema que não interessa à Cascudo fazer uma crítica das relações sociais que caracterizam esse espaço, o que ele faz é apenas coletar as práticas que remetem a uma tradição, que dão

---

<sup>56</sup> Poema publicado na Revista: Terra Rocha e Outras terras, ano I, n.16, 06/07/1926.

conta da cultura desse lugar, cujo o aspecto simbólico é representado pelo elemento que diz muito desse espaço e da vidas dos homens que vivem nele, a seca.

Esse poema é útil para formular uma questão que retoma a qualidade tão apreciada por Cascudo de ver-se a si próprio e entender-se a partir da experiência de ter sido menino sertanejo. Quando Cascudo não explicita o aspecto das condições difíceis e precárias da vida no sertão, mostra muito bem o lugar ocupado por ele no interior dessa sociedade. É inegável que Cascudo tenha passado muitos momentos de sua vida no sertão, assim como não pode-se questionar o fato dele ter tido contato profundo e vital com as populações locais. No entanto, esse contato não se dava como ele pretendia entre iguais. Cascudo não nasceu no sertão e nem tão pouco foi criado integralmente nesse espaço. Ele era menino educado na cidade, proveniente de uma família tradicional, na qual a qualidade tão específica das famílias abastadas que caracterizam o nordeste do nosso país, não pode ser colocada de lado; famílias que apresentam a marca clara de práticas oligárquicas e patriarcais. Desse modo, mesmo que Cascudo se auto defina como menino sertanejo, não pode deixar lado suas marcas de identidade social e as suas verdadeiras raízes. É importante lembrar e retomar que mesmo depois de crescido e tornado-se homem feito quando Cascudo vai ao sertão ele não é só o letrado da cidade mas também, de certo modo, um figura já renomada e reconhecida no interior da cidade letrada e, se for levado em consideração o contexto no qual esse trabalho monográfico esta inserido, a década de 30, mais especificamente 1934, além de ser um intelectual Luis da Câmara Cascudo era chefe provincial do Integralismo no Rio Grande do Norte e por isso fortemente comprometido com a política e com essa ideologia, ainda que as crônicas escritas por ele não sejam um texto propriamente militante. Ocupava assim tanto o âmbito oficial quanto o espaço marcado pela cultura popular, mesmo que esta tenha sido seu foco principal.

## **ACERVOS PESQUISADOS:**

- Biblioteca Nacional
- Biblioteca Amadeu Amaral
- Memorial Luis da Câmara Cascudo (Natal – RN)
- Biblioteca Central Puc-Rio
- Biblioteca Municipal Câmara Cascudo (Natal – RN)

## **PERIÓDICOS:**

- A República . 31/ 05/ 1934 a 22/05/ 1934.
- Diário de Natal . 1948 – 1962.

## **BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO:**

- AMADO, Janaína. “Região, Sertão, Nação”. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995.
- ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. . Totalitarismo e Revolução: o integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- BARROSO, Gustavo. O que o integralista deve saber. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

- CASCUDO, Luís da Câmara. Vaqueiros e cantadores: Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Porto Alegre: Ed. Globo, 1939.
- \_\_\_\_\_ . Canto de muro . Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1959.
- \_\_\_\_\_ . Folclore do Brasil (pesquisas e notas). Rio de Janeiro, São Paulo, Fundo de Cultura, 1967.
- \_\_\_\_\_ . O tempo e eu: Confidências e proposições. Natal: Imprensa Universitária, 1968.
- \_\_\_\_\_ . Tradição, Ciência do Povo .São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.
- \_\_\_\_\_ .Seleta : organização e notas de Américo Oliveira Costa. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, Instituto Nacional do livro, 1972.
- \_\_\_\_\_ . Viajando o Sertão. 3ºed. . Natal: Fundação José Augusto, 1984.
- \_\_\_\_\_ . Literatura Oral no Brasil. 3ºed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da USP, 1984.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e mobilização popular. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.
- CLIFFORD, James. A experiência etnográfica no século XX. José Reginaldo Santos Gonçalves (org.). Rio de Janeiro: ED.UFRJ, 1998.

- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História nacional. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. n. 1, 1988.
- LIMA, Nísia Trindade. Um Sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.
- MADER, Maria Elisa Noronha de Sá. O vazio: o sertão no imaginário da colônia nos séculos XVI e XVII. Dissertação (Mestrado em história), Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1995.
- MAMEDE, Zila. Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1969; bibliografia anotada. Natal: Fundação José Augusto, 1970. (3 volumes).
- MATTOS, Ilmar. R. de . “Moeda Colonial”. In: Tempo de Saguarema. São Paulo: Hucitec, 1997.
- NEVES, Margarida de Souza e MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Monteiro Lobato e Cecília Meireles e outros ‘Descobrimientos do Brasil’ ”. Rio de Janeiro: Departamento de História PUC-Rio, CNPq, 1996.
- NEVES, Margarida de Souza. “Roteiros e Descobrimientos: Luís da Câmara Cascudo e os ‘Descobrimientos do Brasil’ ”. Rio de Janeiro: PUC-RJ – Departamento de História/ CNPq, 1999.
- \_\_\_\_\_ . “Para descobrir “a alma do Brasil”. Uma leitura de Luis da Câmara Cascudo” . mimeo.
- \_\_\_\_\_ . “Tradição Ciência do Povo”. mimeo.

- RAMA, Angel: A cidade das Letras. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- SPINELLI, José Antônio. Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar: 1930-35. Natal: Editora da UFRN, 1996.
- TRINDADE, Helgio. Integralismo: o fascismo na década de 30. São Paulo: DIFEL, 1979.